

058

a menina e o vento

LIVRE



"A MENINA E O VENTO" - 1 Prólogo e 9 Cenas de
Maria Clara Machado

PERSONAGENS:

O Vento
Maria, a menina
Pedro, o menino
A Mãe
As Tias:
 Adelaide,
 Adalgisa e
 Aurelia
A Avó
O Repórter
O Comissario Plácido
Os 2 Policiais:
 Pacífico e
 Crispim ou
 Branca de Neve (se o ator fôr negro)

GENÁRIO

A cova do vento. Um pedaço de praia deserta com enorme tronco ao fundo de onde caem pedaços de galhos e parasitas, feitos com material leve para que possam sugerir o efeito do vento. No chão algumas pedras roliças. Uma delas é o traveissairo do vento. O ambiente deve sugerir mistério e poesia. Vários ventiladores são instalados para movimentar os parasitas que se moverão ao mesmo tempo que se ouve o barulho do vento gravado e irradiado de um alto-falante.

PRÓLOGO

O PRÓLOGO SE PASSA NO PROSCENIO COM A FECHADA. OUVEM-SE INSISTENTEMENTE UMA ESCALA DE PIANO TOCADA AO LONGE; FUGINDO, ESBAFORIDOS, ENTRAM MARIA E PEDRO. CESSA A ESCALA.

MARIA: Corre, Pedro, que l-a vêm elas!

PEDRO: Santo Deus, ela não nos deixa em paz!

MARIA e PEDRO: juntos - Aula no Domingo também é o cúmulo

PEDRO: Tia Adelaide é o fim.

VOZ DE TIA ADELAIDE: Pedro! Maria!

MARIA: Depressa! (SAEM CORRENDO)

ENTRAM TAMBÉM ESBAFORIDAS DA CORRIDA AS TRÊS TIAS. TIA ADELAIDE É A MAIS VELHA E TAMBÉM A MAIS MANDONA. TIA ADALGISA É A DO MEIO. CÓPIA VIVA DE TIA ADELAIDE. TIA AURELIA É A MENOS VELHA, MEIO BIRUTA, MEIO INFANTIL, OBEDECE SEMPRE TIA ADELAIDE POR HABI-

TO E MEDO, PASSAM AS TIAS (CONVERSEM DE NOVO A RUÍDA DO PIA-
NO) E TORNAM A VOLTAR OS MENINOS.)

MARIA: Pedro, vamos nos esconder na cova do vento?

PEDRO: Boa idéia. Vamos!

TAMB. VOLTAM AS TIAS.

ADELAIDE (GRITANDO): Meninos, voltem já para a aula!

ADALGISA: Ela disse à mãe deles para não deixá-los brincar lá fora.

AURELIA: Maria! Pedro... Voltem já... já... já... Adelaide está chamando!

ADELAIDE: Lugar de criança é dentro de casa.

ADALGISA: A culpa é da mãe deles que é muito mole...

AURELIA: No nosso tempo, quando...

ADELAIDE (INTERROMPENDO-A): Já sei, Aurélia, que nosso tempo era
diferente, mas nossa obrigação de tias é educá-los.

AURELIA: A aula de hoje é tão boa! Adoro educação cívica!

ADALGISA: As aulas de Adelaide são excelentes! Ela é a melhor pro-
fessora de educação cívica da cidade!

AURELIA: E do Brasil!

ADELAIDE (SAINDO, ORGULHOSA COM OS ELOGIOS): Meninos, voltem para
a aula!

ADALGISA (ACOMPANHANDO-A): É preciso aprender a amar o Brasil, me-
ninos!

AURELIA (SAINDO TAMBÉM): Pedro! Maria!

(MUITO ASSUSTADA VOLTA ADALGISA)

ADALGISA: Por ali é o caminho da cova do vento!

ADELAIDE (VOLTANDO TAMBÉM ASSUSTADA):... não é lugar para moças so-
zinhas...

AURELIA (APARECENDO ALVOROÇADA): Cova do vento... Mamãe sempre diz-
se que lá é muito deserto, e feio... e cheio de vento...

ADELAIDE: Vamos voltar. É muito perigoso o risco.

ADALGISA: É muito perigoso o risco.

AURELIA: E os meninos?

ADELAIDE: Quando chegarem em casa ficarão de castigo. Terão que es-
crever duzentas vezes: Viva o nosso Brasil amado! (SAI)

PEDRO (PROCURANDO PALAR BAIXO): Banca igualzinho ao vovô Jaime.

MARIA (COMEÇANDO A RIR SEM CONTROLE): Vovô Jaime... é isto mesmo...
o vento se parece com vovô Jaime.

(OS DOIS CONTINUAM A RIR ATÉ QUE ACORDAM O VENTO, QUE ABRE
OS OLHOS ESPANTADO.)

VENTO: Peiuuuu! (BOCEJA, OS MENINOS SE CALAM, ELE CONTINUA A DORMIR.)

MARIA (SEMPRE TENTANDO PALAR BAIXO): Está acordando... Parece mesmo
o vovô Jaime quando dorme na poltrona...

(O VENTO ABRE OS OLHOS ESPANTADO E COMEÇA A SE LEVANTAR,
PROCURANDO VER DE ONDE VEM O BARULHO.)

PEDRO (PULANDO MARIA PARA SE ESCONDER): Ele viu!

VENTO (DESCOBRINDO OS MENINOS) Deixem-me dormir, criaturas desagradáveis.

PEDRO: Quem é criatura desagradável?

MARIA: Acho que somos nós.

PEDRO (BRINCALHÃO, LEVANTANDO A VOZ): Os incomodados que se mudem.

VENTO (FURIOSO): O quê?!

PEDRO (PROVOCADOR): Pisse: os incomodados que se mudem.

VENTO: Olhe aqui, pirralho, ou vocês me deixam dormir em paz, ou...

PEDRO: Ou o quê? Aqui por acaso é propriedade sua?

MARIA: Pedro, não provoca.

PEDRO: A praia é pública, a rua é pública, o espaço é público, a atmosfera é pública...

MARIA: A estratosfera é pública...

PEDRO (JA DENTRO DE CENA SEM O MENOR RECREIO DO VENTO): E nós fazemos
barulho onde queremos... e o vento também é público, está ou
vindo?

VENTO (COM AS MÃOS NA CINTURA, AMEAÇADOR): Menino, ninguém levanta
a voz com o vento.

VENTO (COM AS MÃOS NA CINTURA, AMEAÇADOR): Menino, ninguém levanta a voz com o vento.

MARIA: E o trovão?

VENTO: O trovão?

MARIA: Não é o Padre Eterno levantando a voz para você, vento?

VENTO: Para mim, coisa nenhuma...

MARIA: Para quem, então?

VENTO: Para vocês, é claro!

MARIA: Bem que eu achei que a explicação de tia Adelaide sobre o trovão não era boa. Sabia que era o Padre Eterno. Tia Adelaide tira a graça de tudo, coitada!

VENTO: Já disse que ninguém levanta a voz com o vento!

MARIA: Quem é que está levantando a voz para você? Estou só falando de minha tia Adelaide, e meu irmão é meio mal humorado. Mas o senhor também não fica atrás... ele estava só brincando. Com este mau humor, já vejo o porquê das tempestades... Aliás isto também tia Adelaide não explicou bem. As tempestades são causadas pelo mau humor de vento e de sua família... brigas entre nuvens, brisas, ventos, vapores, raios e trovões...se...

VENTO (INTERROMPENDO): Pare de falar, matraca de feira, ou então... eu... eu...

PEDRO (FURIOSO): Minha irmã, matraca de feira?

VENTO: Vocês querem, não é? (DÁ UMA LUFADA DE SÓPRO SOBRE OS MENINOS QUE CAEM NO CHÃO. A SONOPLASTIA E UM DOS VENTILADORES ACOMPANHAM SEMPRE AS LUFADAS DO VENTO.)

PEDRO: Vento covarde! Vento covarde!

MARIA: Não provoca, Pedro... Não provoca!

VENTO: Tratem de desaparecer, meninos, senão eu sopro! E é para valer... Um... Dois...

PEDRO: Vento caduca...

MARIA: Não provoca mais ele, Pedro.

VENTO: Caduca, eu? Pois você vai ver... vou te mandar para as nuvens

e lá você é que vai caducar, fedelho de uma figa. (COMEÇA A SOPRAR COM TANTA FORÇA QUE PEDRO DEPOIS DE DAR UMAS VOLTAS TENTANDO RESISTIR, SAI DE CENA SEMPRE GRITANDO.)

PEDRO: Vento covarde... vento covarde...

MARIA: Pára de ventar, Vento, que Pedro está sumindo atrás daquela árvore. Pára vento... Pedro! Pedro! (SAI GRITANDO E PROCURANDO RESISTIR.)

VENTO: Pronto. É assim que nós lá de cima nos livramos deles. Sem muita conversa. (BOCEJA OSTENSIVAMENTE E TORNA A SUA CAMA, MAS NÃO CONSEGUE SE DEITAR PORQUE, FURIOSA, VOLTA MARIA.)

MARIA: Queira soprar de volta, imediatamente, o meu irmão ou então o senhor terá que se ver comigo.

VENTO: O quê? Está me desafiando, pedacinho de coisa nenhuma? Quer também ser soprada para longe? (COMEÇA A RIR.) Isto aí me ameaçando... ah! ah! ah! ah!

MARIA: Pára de rir, vento bôco-alegre. Não tem vergonha de ser tão velho e rir desse jeito? Traga meu irmão de volta, já disse.

VENTO (PARA BRUSCAMENTE DE RIR): Vou te mandar para a China, menina.

MARIA: Duvido. (ACEITANDO O DESAFIO) E fique sabendo que sou campeã de andar na ventania e não vai ser um ventinho qualquer que vai me levar para a China ou para o Japão. Bem que eu gostaria de dar um passeio... se eu...

VENTO (INTERROMPENDO): Você disse... ventinho qualquer?

MARIA: Disse. O que é que você sabe fazer mais além de ventar? Sabe ler? Sabe escrever? Qual é a sua educação cívica?

VENTO: Chega (DÁ UMA FORTE LUEADA. MARIA, MAROTA, SE ESCONDE ATRAS DELE QUE PROCURA, INTRIGADO, SEM PODER ENCONTRA-LA. FINALMENTE MARIA CORRE E SE ESCONDE ATRAS DE UMA PEDRA.)

MARIA: Brisa, vento, ventinho
pode soprar espertinho...
Não tenho medo de ventania.
Só receio a minha tia,

brisa, vento, ventinho,
pode soprar espartinho...

(O VENTO FURIOSO COMEÇA A SOPRAR E MARIA DELICIA DA VENTAROLA PELA CENA EM LOUCOS RODOPIOS ATÉ QUE SAI, SEMPRE RINDO. O VENTO SENTINDO-SE VENCEDOR VOLTA PARA SUA PEDRA E RECOSTA PARA TOR-
NAR A DORMIR. COMEÇA A RONCAR QUANDO MARIA VOLTA. VENDO QUE O VENTO NÃO ACORDA ELA COMEÇA A SAPATEAR E A CANTAROLAR. O VENTO CONTINUA RONCANDO. POR FIM MARIA RESOLVE JOGAR AMARELINHA BATENDO COM OS PÉS COM FÔRÇA. O VENTO ABRE OS OLHOS)

MARIA: Isto o senhor não sabe fazer... garanto que não sabe...

VENTO: O quê? Ainda aqui?

MARIA: Vou lhe chatar até você trazer Pedro de volta.

VENTO: Não trago nada de volta.

MARIA: Quer dizer que o senhor não sabe trazer ele de volta?

VENTO: Quer dizer que não quero trazer ninguém de volta.

MARIA (MUDANDO DE TÁTICA): E se eu prometer nunca mais incomodá-lo na sua toca?

VENTO: Não acredito em promessa de menina.

MARIA: Então em que você acredita?

VENTO: Acredito na minha força.

MARIA: Prosinha, hem? Tão forte que nem conseguiu me soprar para longe... Acho que você está ficando sem fôlego, velho e cansado, hem, vento?

VENTO: (MEIO DESCONFIADO): Você acha?

MARIA: A verdade é que o senhor com seus mil e quinhentos séculos de vida não conseguiu derrubar uma menina de 12 anos.

VENTO: Isto nunca aconteceu. Quem é você, menina?

MARIA: Sou Maria.

VENTO: Nunca fui vencido por...por... ninguém... e logo por uma menina (O VENTO ESTÁ DESOLADO).

MARIA: Não fique assim, vento. É que sou campeã mesmo. Ninguém me vence na minha rua na corrida de ventania.

8 - A menina e o Vento

VENTO: Como é que faz para vencer? Nem navios, nem árvores, nem cidades, nem nada nesta terra redonda de Deus pode comigo quando estou furioso.

MARIA: É só não ter medo e conhecer sua tática.

VENTO: E você conhece minha tática, menina?

MARIA: Conheço.

VENTO: E como é que você descobriu?

MARIA: Praticando. Comecei com uma brisa... uma brésinha à toa.

VENTO: Minha filha, ela é bem fraquinha, a coitada.

MARIA: Eu sei. Depois passei para um vento mais forte.

VENTO: Eu.

MARIA: Vento de praia, vento de Cabo Frio. Lá é melhor ventarolar de óculos por causa da areia. Mas também é melhor porque é salgado demais. A gente lambe o braço depois fica tudo salgadinho. Quando o vento, o senhor, pára de ventar, a gente continua com o barulho no ouvido até dormir.

VENTO: (COMOVIDO): É, é?

MARIA: Bem, na ventania custei mais, porque a ventania não tem muita direção e tapeia a gente também.

VENTO: Minha mãe. Sempre foi meio nervosa.

MARIA: É. Mas venço ela também. Aprendi a ventarolar.

VENTO: Ventarolar? O que é isto?

MARIA: Muito fácil. Virar ventarola de vento. Você já conseguiu derrubar uma ventarola?

VENTO: Papa-vento?

MARIA: Isto mesmo.

VENTO: Bem, acho que não. Mais fácil derrubar um vendedor de papa-ventos.

MARIA: Pois é, viro mesmo um papa-vento, fico tão levezinha no corpo e rodo pio e não me canso e a ventania desiste de mim. Quase que posso voar.

VENTO: Você gostaria ?

MARIA: De voar? Ah gostaria. Sabe? Um dia tia Aurélia me disse que se a gente esfregasse asa de passarinho nas costas todos os dias cresciam umas asas e a gente voava.

VENTO: E você esfregou?

MARIA: Ela esfregava na minha e eu na dela. Combinamos de voar juntas. Depois começou a dar brotoeja nas minhas costas e tia Adelaide descobriu tudo e botou tia Aurélia e eu de castigo escrevendo duzentas vezes: "Só quem voa é passarinho, criança estuda para servir ao Brasil."

VENTO: Essa sua tia é de morte, hem?

MARIA: Ela só pensa no Brasil, nunca pensa na gente.

VENTO: Você gostaria de passar na minha cacunda?

MARIA: Na cacunda do vento? Oh! Seria bárbaro! Mas o senhor tem que primeiro trazer o Pedrinho.

VENTO: Pedrinho, não.

MARIA: Então nada feito.

VENTO (CONCILIADOR): Deixa o Pedrinho pra lá, que eu já venci êle para casa.

MARIA: Jura?

VENTO: Palavra de vento. Juro pelos raios que me partam... que êle voltará para casa.

MARIA: Não gosto nada de juramento de vento mas... você pode mesmo ventar o que quiser? Trazer coisas de outras terras, atrapalhar tudo?

VENTO: Posso tudo.

MARIA: Lá vem a prosa. Daqui a pouco você vai dizer que é Deus, e êle te castiga.

VENTO: Psiu... fala mais baixo...

MARIA: E você pensa que o enorme ouvido dêle não está por tôda parte? Por aqui?! Bem se vê que não estudou catecismo.

VENTO: Eu sei que êle está me ouvindo, mas êle sabe também que estou brincando, não sabe?

MARIA: E sempre melhor o senhor ser mais modesto.

VENTO: E você é? Campeã de corrida contra o vento!

MARIA: Mas não é só isto que sei fazer, e não fico espalhando por aí... sei tanta coisa...

VENTO: Sabe o que mais além de papaventar?

MARIA: Ora, vê-se que o senhor é ignorante; sei fazer uma porção de coisas; sei fazer tricô, sei fazer arroz, batata frita, sei tratar de galinhas, sei plantar feijão; ora vento, sei tudo isto que uma menina deve saber e sei também dançar, patinar, nadar, ventarolar; coisas boas para contrabalançar as chatas.

VENTO: Chatas?

MARIA: ...fazer cama, estudar aritmética, acabar as férias, ir ao dentista, ouvir aula de tia Adelaide e ser obrigada a amar o Brasil!...

VENTO: Você quer aprender a amar o Brasil na minha cacunda?

MARIA: Mas tia Adelaide vem também?

VENTO: Não. Eu te mostro tudo que há de bonito por aí e você aprende de tudo sem tias e sem livro. Só olhando...

MARIA: Que bom! Mas vento, gostaria também de fazer umas desordens por aí.

VENTO: Desordens?

MARIA (MALICIOSA): Desmanchar umas paradas, ventar tia Adelaide do piano. Desarrumar tudo que é arrumadinho. Só para ver a cara de todo mundo. (COMEÇA A RIR) Levantar a saia de tia Adelaide seria bárbaro! Ela usa umas ceroulas tão engraçadas!...

VENTO: Pensei que você fosse uma menina boa.

MARIA: Olha só quem está falando! O senhor não é o maior desordeiro de todos os céus? Não derruba navios e tira as telhas das casas? Não levou o chapéu de vovô Jaime e nunca mais o devolveu?

VENTO: Mas eu sou vento e você é gente. Cada um no seu lugar.

MARIA: Ah, Vento, não precisa se desculpar muito, eu te compreendo
tão bem. Mas é certo que são coisas. Vamos desmanchar um pou
co, tá bem? Vamos ventarolar o mundo...

VENTO (RINDO): Está bem. Você quer fazer uma ruindadezinha. Vamos,
e não reclama depois as conseqüências, hein?

(A MENINA MONTE NA CACUNDA DO VENTO QUE COMEÇA A SOPRAR.
DÃO UMA VOLTA PELA CENA SEMPRE RINDO E DESAPARECEM, OUVINDO
-SE AINDA POR ALCUM TEMPO A GASCALHADA E O BARULHO DO VENTO.
DEPOIS VOLTA A CENA UM SILENCIO COMPLETO ATÉ A CENA II.)

CENA II

(CENTRAM PEDRINHO, A MÃE, TIA ADELAIDE, TIA ADALGISA E TIA AURÉLIA;
TODAS ASSUSTADAS.)

PEDRO: Foi aqui, no meio da ventania.

TIA ADELAIDE (BAIXINHO): A covã do vento.

TIA ADALGISA: A covã do vento!... (SE JUNTA A TIA ADELAIDE).

MÃE: E depois, Pedrinho, o que aconteceu? (TIA AURÉLIA SAI DE CENA, DESCO-
BRINDO, CURIOSA, A COVA.)

TIA ADELAIDE: Coisa boa é que não foi. Volta aqui, Aurélia, quer também
ser raptada?

ADALGISA: Raptada?

AURÉLIA (VOLTANDO ASSUSTADA, MAS DANDO RISALINHAS): Deus me livre e guar-
de, Adelaide!

MÃE: Ela não pode ter desaparecido assim de qualquer maneira.

PEDRO: Não doi de qualquer maneira, mããe. Ela começou a ventarolar como
sempre faz. Eu é que fui soprado. Meu contrôle ainda é ruim. E de-
pois...

TODAS: E depois...

PEDRO: Depois chamei o vento de covarde e foi a conta. (AURÉLIA DÁ RISI-
NHOS COMPRENSIVOS) Ele se irritou e me soprou até aquela árvore ali.
Fiquei preso lá um tempão e vi tudo. Eles conversaram muito e ri-
ram também.

ADELAIDE: Eles quem?

PEDRO: Maria e o vento.

ADELAIDE: Conversaram como?

PEDRO: Conversando, ora. Conversa vem, conversa vai, ela montou na cacun-
da d'ele e lá se foram...

ADALGISA: Que conversa é essa de vento conversar? Você sabe, Pedro, que
mentir é muito feio...

AURÉLIA (DANDO RISINHOS) Eu bem que gostaria de ter umas conversinhas

com o vento...

ADELAIDE: Quieta, Aurélio, senão te ponho no piano...

ADALGISA: Vocês não acham que já ouvimos demais este menino?

MÃE: Pedro, meu filho, conta tudo direitinho, sem inventar nada, que depois você ganha um presente.

PEDRO: Estou contando certinho como eu vi.

MÃE: E onde é que você acha que eles estão agora?

PEDRO: Bem, agora? (CALCULANDO) Se pedirem a ajuda da ventania, que é a mãe dele...

MÃE: Mãe de quem?

PEDRO: Do vento. (TODAS SE ENTREVOLHAM) Se pedirem ajuda a ela, já devam estar perto do Ceará. Ele deve ter metido um sudoeste bravo. Pode ser também que tenham ficado para fazerem as tais desordens que Maria pediu...

MÃE (ACHANDO QUE O FILHO NÃO ESTÁ BEM DA CABEÇA): Toma, meu filho. (DÁ-LHE DINHEIRO.) Vai tomar um sorvete bem grande. (PEQUENINO SAI.)

ADELAIDE (ENTREDENTES): Antipedagógico!

MÃE: Estou ficando aflita!

ADELAIDE: Pudera!

MÃE: Faz mais de seis horas que a menina sumiu. E foi daqui... Pedro não diz coisa com coisa.

ADELAIDE: Acho que ele ficou meio estrepelado da cabeça...

ADALGISA: Teria ela sido raptada?

ADELAIDE: Mas é óbvio!...

MÃE (QUASE CHORANDO): Vou avisar a polícia. Não aguento mais. Fiquem aqui um pouco. Quem sabe ela aparece?

ADALGISA: Ficar aqui sozinhas? E se ele aparecer?

MÃE: Ele quem?

ADELAIDE: O reaptor!

AURÉLIA: O vento, Adelaide?

ADELAIDE: Soassega, Aurélia. Mande um guarda ao menos. Isto aqui não é, em nunca foi lugar para mocinhas...

ADALGISA: Não é e nunca foi lugar para mocinhas...

MÃE: Vou depressa chamar o comissário Plácido. (SAI)

ADELAIDE: Eu disse... eu avisei... eu disse que não se deve deixar meninos soltos por aí. (AS DUAS MASSEIAM AFLITAS PELA CENA, ENQUANTO AURÉLIA ALVOROÇADA OBSERVA TUDO.)

ADALGISA: Lugar de menino é na sala da mãe.

AURÉLIA: Quando eu era mais menina, gostava de costurar, de border... ah, gostava também de fazer comidinha de fôlha, lembra Adalgise? A gente misturava tudo numa latinha: fôlha de ficus, fôlha de mamão, fôlha de... aquele que era veneno... Agora, é verdade que eu também gostava (FALA BAIXINHO COM MEDO DAS IRMÃS) de andar na chuva e de...

ADELAIDE: Agora não é hora de lembrar essas coisas, Aurélia.

ADALGISA: Se fôsse minha filha, vivia trancada a sete chaves.

ADELAIDE: Era muito sapeca aquela Maria.

AURÉLIA: Gostava de brincar, a diabinha!

ADELAIDE: Eu bem que dizia...

AURÉLIA: Você bem que dizia.

ADELAIDE: Mas a mãe não fazia o que eu dizia...

ADALGISA: Não fazia o que você dizia...

AURÉLIA (COMO SE REPETISSE UMA LIÇÃO): Eu dizia... tu dizias, ele dizia...

ADELAIDE: Bem feito agora.

AURÉLIA: Mamãe sempre disse que quem faz mal feito não tem direito...

AS TRÊS: ... de se queixar.

AURÉLIA (DEPOIS DE UMA PAUSA): Adelaide, vento tem cacunda?!

ADELAIDE: Eu te prendo no quarto, Aurélio!

(COMEÇA A SOPRAR DE REPENTE UM VENTO E AS TRÊS COMEÇAM A RODOPIAR. AURÉLIA APRECIA O RODOPIO COMO UMA CRIANÇA.)

ADELAIDE: Santo Deus, Santa Bárbara e São Jerônimo nos ajudem!

AURÉLIA: Adelaide... Adelaide... me segura... me segura... que gostoso... que gostoso!

ADALGISA: Socorro! Não me empurrem... Adelaide... Adelaide, socorro!...

(AS TRÊS DESAPARECEM DE CENA SEMPRE GRITANDO E TORNAM A APARECER DEPENDURADAS NAS ÁRVORES. SÃO BONECAS. DE PLÁSTICO SÓ DEVEM SER VISTAS AS PERNAS DAS TIAS COM CALÇAS ANTIGAS BORDADAS NAS BEIRAS; VINDO DE CIMA AS VOZES PEDINDO POR SOCORRO. CHEGA UMA VELHINHA MAIS VELHA DO QUE ELAS. É A AVÓ DOS MENINOS E MÃE DAS TIAS.)

VOVÓ: Adelaide! Adalgisa! Aurélio! Voltem para casa, meninas... Onde se meteram essas meninas... Se o Jaime sabe disso...

TIAS: Socorro! Socorro! (A VELHINHA FINALMENTE OLHA PARA CIMA E DÁ COM AS FILHAS DEPENDURADAS NAS ÁRVORES, A VELHA É MEIO SURDA.)

VOVÓ: Meninas, desçam já daí. Já... já...

ADELAIDE: Estamos presas, mamãe.

VOVÓ: Quem mandou vocês subirem em árvore? No meu tempo árvore era feita para enfeite da natureza... e também para dar frutos... Desçam já daí. Já proibi várias vezes.

ADALGISA: Estamos presas, mamãe.

VOVÓ: Comendo fruta verde de novo, heu Adalgisa!? Desça já.

ADELAIDE: Chame o corpo de bombeiros, mamãe...

VOVÓ: Desça já daí, Aurélio, ou chamo o teu pai.

AURÉLIA: Me empurraram, mamãe, me empurraram...

ADELAIDE: Os bombeiros, mamãe!

VOVO: Até você, Adelaide... e abaixe já esta saia. Que modos são êsses de mostrar as calças desta maneira...

(COMEÇA A SOPRAR UM VENTINHO LEVE QUE DELICADAMENTE EMPURRA A VENTINHA.)

VOVO: Não empurra, Jaime... não empurra... já disse que não vou para casa... não quero entrar... já disse... (E VAI SAINDO:) Não empurra, Jaime... não empurra...

CENA III

(SILENCIO NA CENA. ENTRA O REPÓRTER SEGURANDO UM MICROFONE COM UM FIO ENORME. OLHA PARA TODOS OS LADOS, VERIFICA QUE A PRAIA ESTÁ VAZIA.)

REPÓRTER: Que furo! Sou o primeiro! ALÔ ELÔ, Rádio de Praia, estamos transmitindo diretamente do local do rapto da indigitosa Maria de Almeida. Para os ouvintes dos Estados, tenho a informar que se trata de uma praia deserta e mal encarada, os pescadores a chamam de Cova do Vento. Pois é uma cova, caros ouvintes, e cova de jovem Maria tragicamente desaparecida nas primeiras horas da manhã. Nossas emissoras - numa gentileza dos Perfumes Ventania, a brisa que refresca - estão dando em primeira mão a reportagem completa sobre o desaparecimento trágico da jovem Maria, aduna exemplar...

ADELAIDE: Isto é que ela não era...

REPÓRTER (PROCURANDO VER DE ONDE VEM A VOZ): Como ia dizendo, caros ouvintes, a Brisa que refresca é um perfume Ventania, e a jovem Maria...

ADALGISA (VOZ DÉBIL): Socorro! Socorro!

REPÓRTER (DESCOBRINDO AS TIAS): Caros ouvintes, a situação aqui na cova do vento se agrava. Do alto das enormes árvores que circun-

dam a covas do vento partem lancinantes apelos de socorro. Será a indigitada jovem? É o que verificarei num sensacional esforço de dar em primeira mão e sem nenhum medo dos prováveis perigos que terei de enfrentar numa reportagem completa do maior rapto do século. Sou corajoso prá burro e verei o que está acontecendo. Vejo a distinta senhora dona Adelaide e suas estimadas irmãs dependuradas nos galhos das árvores pedindo socorro. Elas estão numa posição bastante incômoda. Vou entrevistá-las neste instante, antes que elas morram. Dona Adelaide e suas irreparáveis irmãs são tias e professoras de pobre Maria. Boa tarde, dona Adelaide, quer fazer algumas declarações para as nossas emissoras, numa gentileza dos perfumes Ventania?

AURÉLIA: A brisa que refresca?

REPÓRTER (COM A FORÇA DO HÁBITO): Isto mesmo, acertou! A senhora terá direito a um cupom numerado que, com mais dez cupons de respostas certas, lhe dará direito a um fresco, absolutamente grátis e o direito a concorrer no próximo concurso: O Vento é o limite!

AURÉLIA: Ganhei! Ganhei! que felicidade!

(O VENTO COMEÇA A SOPRAR E O REPÓRTER RODOPIA, TENDA DAR SOCOS NO AR, FINALMENTE SE ENROLA NO FIO DO MICROFONE E CAI NO CHÃO DESMAIADO, O VENTO CESSA.)

AURÉLIA (COMO NUMA CANÇÃO DE CRIANÇA): A brisa que refresca... a brisa que refresca... (DEPOIS TODOS SILENCIAM.)

CENA IV

(ENTRA PACÍFICO, O POLICIAL, SEGUIDO DE CRISPIM. OS DOIS SE ESPANTAM DIANTE DO CORPO DO REPÓRTER.)

PACÍFICO: Um defunto?

OS DOIS (CHAMANDO): Chefe!

(ENTRA O COMISSÁRIO PLÁCIDO FUMANDO O SEU CHARUTO.)

COMISSÁRIO (VENDO O REPÓRTER): Ninguém toca no cadáver.

(OS POLICIAIS MEIO APAVORADOS OBSERVAM O LOCAL E DÃO COM AS MÃOS DEPENDURADAS.)

OS DOIS: Veja, chefe! Três damas enforcadas!

COMISSÁRIO: Uma menina raptada, um repórter abatido, amarrado, espancado e morto, três damas enforcadas. Num só dia e tudo na cova do vento - lugar sombrio, desabitado e um quilômetro da cidade. Este é um dos casos mais complicados.

ADELAIDE: Depressa, polícia, já não agüento mais!

PACÍFICO: Ainda não morreram...

CRISPIM: Enão é porque ainda estão vivas!

COMISSÁRIO: Vivas? Tanto Melhor! (AOS POLICIAIS) Subam às árvores e retirem os corpos de delito, isto é, as velhas. Cuidado com as impressões digitais. (OS GUARDAS SAEM) As senhoras têm de declarar à polícia o que estão fazendo aí.

AURÉLIA: Estamos vendo a vista, senhor comissário, estamos vendo a vista... (RISINHOS)

COMISSÁRIO (TOMANDO NOTA DE TUDO NUM CAIERNINHO): Vendo a vista? Favor declarar o domicílio, estado civil, nacionalidade e idade...

ADELAIDE: Era só o que faltava...

(O REPÓRTER COMEÇA A SE MEXER)

COMISSÁRIO: Este também ainda está vivo? (AJUDANDO O REPÓRTER A SE DES-
VENCILHAR DO FIO DO MICROFONE) O senhor tem alguma coisa a
declarar à polícia?

REPÓRTER (OLHANDO PARA TODOS OS LADOS COM MEDO): Senhor comissário, fui
atacado por um monstro. Tentei tudo... (PEGANDO DE NOVO O MI-
CROFONE) O dever de um repórter é informar. Rádio Praia conti-
nuando a reportagem interrompida por uma covarde agressão.
Sou um mártir da imprensa e da verdade. (ENQUANTO ISTO O CO-
MISSÁRIO EXAMINA O LOCAL E TOMA NOTAS.) Ao ver as senhoras en-
forçadas nas árvores tentei salvá-las, mas o agressor me be-
tou. Tentei lutar, mas não se tratava de um único homem e sim
de uma quadrilha. (O VENTO DÁ UMA LUFADA.) Senhor comissário,
sou covarde pra burro e os ouvintes sabem disto, mas convém
a gente se rir logo daqui, porque elas podem voltar.

COMISSÁRIO: Ah momento. (CONTINUA EXAMINANDO TUDO.)

REPÓRTER (QUERENDO DESCOBRIR ASSUNTO PARA OS OUVINTES): Tem alguma coi-
sa a declarar aos nossos ouvintes? O COMISSÁRIO NÃO RESPON-
DE: O senhor gosta dos perfumes Ventania?

COMISSÁRIO: Bem... (O REPÓRTER FAZ SINAL PARA ELE DIZER SIM: Gosto
etc...)

(NESTE MOMENTO AS BONECAS COMEÇAM A SE MEXER E OUVI-SE AS TIAS
E OS POLICIAIS. O COMISSÁRIO E O REPÓRTER ACOMPANHAM SEUS MO-
VIMENTOS)

REPÓRTER: Então não fazendo cócegas! AURELIA RI

REPÓRTER: Então não toque, polícia!

REPÓRTER: Então não toque, polícia! Tem que sair, não tem? Eu tenho
que sair logo daqui.

REPÓRTER: Então não toque, polícia...

CRISPIM: Segura meu braço, madame.

ADALGISA: Senhorita, faz favor.

CRISPIM: Agarre a velha, Pacífico.

COMISSÁRIO: Isto, Crispim...

(OS BONECOS DESAPARECEM. O REPÓRTER CONTINUA A ENTREVISTA COM O COMISSÁRIO.)

REPÓRTER: E agora diga, senhor comissário Plácido, a polícia promete aos nossos ouvintes descobrir tudo deste horrível rapto? Tudinho?

COMISSÁRIO: Promete sim. Tudinho, A polícia vai descobrir tudo porque a polícia foi feita para descobrir tudo. Se não descobrir tudo hoje, descobre amanhã, se não descobrir amanhã, descobre depois de amanhã. Se não descobrir depois de amanhã, acaba mesmo descobrindo, por isso é bom que a quadrilha apareça logo para não dar muito trabalho à polícia...

(CHEGAM AS TIAS E OS GUARDAS. AS TIAS ESTÃO COM OS CHAPÉUS FORA DO LUGAR, AS SAIAS LEVANTADAS, PEDAÇOS DE FOLHAS NA CINTURA, ENFIM TEM QUE DAR A IMPRESSÃO QUE ESTÃO DESCENDO DAS ÁRVORES.)

ADELAIDE: Isto é um ultraje!

ADALGISA: Duas horas dependuradas nas árvores!

AURÉLIA: Parecíamos três judas em sábado de aleluia! (O REPÓRTER PROCURA COLOCAR O MICROFONE À FRENTE DE CADA UM QUE FALA) Lá de cima vi o senhor comissário tão pequenino que parecia o mico de dona Delcina. (RISINHOS.)

ADELAIDE: Chega, Aurélia. Isto não são horas para se chamar o senhor comissário de mico. Exijó providências urgentes. Isto não são maneiras de se tratar três moças de família. Se a polícia não tomar medidas urgentíssimas...

ADALGISA: Urgentíssimas...

AURÉLIA (SÓ PARA FAZER CÔRO): Urgentíssimas...

COMISSÁRIO (TIRANDO UMA FITA MÉTRICA E COMEÇANDO A TOMAR MEDIDAS DAS SENHORAS): Serão tomadas medidas urgentíssimas, dona Adelaide.

REPORTER: O sr. Comissário Plácido Epaminondas, comissário emérito da polícia local, está começando a tomar as medidas urgentíssimas pedidas por dona Adelaide.

COMISSÁRIO: A medida mais urgente que qualquer polícia do mundo tomaria é de interditar o local. A cova do vento está interdita...

REPORTER: O local acaba de ser interditado porque as damas pediram providências urgentíssimas.

(UMA PORTE LUFADA DE VENTO FAZ TODO O GRUPO DAR UM PASSO A FRENTE REPENTINAMENTE.)

AURÉLIA E ELE:

ADELAIDE PENSANDO QUE AURÉLIA ESTÁ SE REFERINDO AO COMISSÁRIO QUE ESTÁ AO SEU LADO LHE APLICA UM ENORME TAPA NAS BOCHECHAS.)

ADELAIDE: Ah... então é o senhor. (TAPA; UMA NOVA LUFADA E ADELAIDE É JOGADA NOS BRAÇOS DO COMISSÁRIO. O VENTO CONTINUA E A CONFUSÃO COMEÇA.)

COMISSÁRIO: Senhora Adelaide!

ADELAIDE: Que indecência. (DEPOIS DE MUITO RODOPIAREM O VENTO CESSA DE REPENTE E TODOS SE RECOMPÕEM.)

COMISSÁRIO: Vamos embora. As declarações tomarei na chefatura.

ADELAIDE: Vamos, meninas...

ADALGISA: Isto é uma pouca vergonha... (VÃO SAINDO TODOS JUNTOS QUANDO O VENTO RECOMEÇA E TRAZ DE NOVO O GRUPO ARRASTADO PARA O FUNDO)

DO PALCO. A ESTAS HORAS JÁ DEVEM ESTAR MEIO APAVORADOS.)

COMISSÁRIO: Vamos embora, já disse! (TORNAM A SAIR COM MAIS CAUTELA E DE NOVO O VENTO OS TRAZ DE VOLTA. AÍ JÁ DEVERÃO ESTAR GRITANDO DE PAVOR.)

COMISSÁRIO: Vamos embora, torno a dizer. (ADELAIDE SE AGARRA AO COMISSÁRIO, ADALGISA EM ADELAIDE, O REPÓRTER SE PENDURA NO FIO DO MICROFONE, OS POLICIAIS SE GRUDAM UM NO OUTRO E SAEM DEVAGARINHO, PARA NÃO DESPERTAREM O MONSTRO DESCONHECIDO; AURÉLIA MAIS ATRÁS DIZ NO SILÊNCIO.)

AURÉLIA: É ele! (AO OUVIR ISTO TODOS FOGEM ESBAFORIDOS, GRITANDO POR SOCORRO; DESTA VEZ O VENTO NÃO SOPRA.)

CENA V

ENTRA A MÃE, AFLITA E CAUTELOSA, PROCURANDO EM VOLTA E CHAMANDO: MARIA!

MÃE: Maria! Maria! Volta, Maria, para sua casa!... (A MÃE COMEÇA A CHORAR. AO MESMO TEMPO UMA BRISA LEVE COMEÇA A SOPRAR. A MÃE SE ASSUSTA, LEMBRANDO-SE DA ESTÓRIA QUE PEDRONHO CONTOU. DO ALTO VEM DESCENDO UM ENORME PERGAMINHO.)

MÃE: O que é isto? (PEGA O PERGAMINHO.)

(QUANDO A MÃE COMEÇA A LER A CARTA? A LUZ DE CENA É DIMINUÍDA, NO FUNDO SÃO PROJETADAS, ATRAVÉS DE UM PROJETOIR INSTALADO NA PLATÉIA, VÁRIAS FOTOGRAFIAS DE MARIA, DE NUVENS, DE MAR, DE BICHOS, DE CIDADES ANTIGAS, DE MARIA DE NOVO DE MODO QUE DÁ A IMPRESSÃO DE QUE ELA ESTÁ VIAJANDO/ OUVI-SE AO MESMO TEMPO A VOZ DA MENINA ATRAVÉS DO MICROFONE. A VOZ PODE SER ACOMPANHADA DE